



com queijo e carregou-a nas costas por três quilômetros até a estação do trem que a levou a Cracóvia. Um reencontro esperado por 55 anos! Como a Shoah foi o mal em estado puro, nesse momento Yad Vashem era emoção pura e indicação de que a paz pode ser a palavra final. João Paulo II pronunciou ali as palavras mais esperadas pelo povo hebreu. Como sucessor de Pedro, e em nome de toda a Igreja católica, pediu perdão pelas palavras e pelos gestos e silêncios da parte dos cristãos, que trouxeram tanto sofrimento aos judeus. E pediu que desaparecesse o anti-judaísmo nos cristãos e o anti-cristianismo nos judeus. O primeiro ministro Ehud Barak, emocionado, concluiu suas palavras: “E eu penso e posso dizer, Santidade, que a vossa vinda hoje à tenda da memória de Yad Vashem é o cume desta histórica viagem de cicatrização”.

Uma reconciliação sem ocaso

Esses três momentos vividos pela Igreja no ano 2000 são propostos como um caminho contínuo da Igreja peregrina. É constantemente convidada a se recordar de que a sua santidade provém exclusivamente de seu Senhor. Na Igreja santa e pecadora, todo triunfalismo é pecado e conduz ao pecado; pois constitui-se em orgulho de quem foi constituída como servidora do mundo. Se o orgulho espezinha, machuca, a humildade dialoga, serve, dá as mãos.

Uma Igreja orante e servidora, de joelhos diante do mundo e de Deus é o melhor antídoto contra a tentação da cristandade, de se conceber como um poder dialogando com os poderes do mundo. Em seu caminho histórico, o gesto identificador da Igreja é o do lava-pés, como o fez seu Senhor e Mestre.

Roma, 15 de maio de 2000

Endereço do Autor:
Rua Esteves Junior, 447
88015-530 Florianópolis - SC

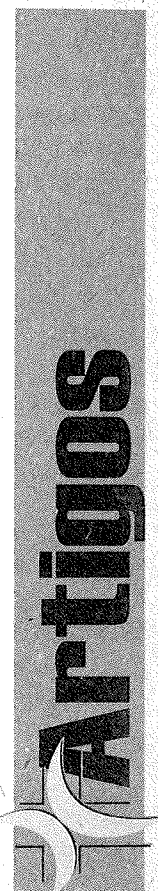


A comunidade catarinense à qual o Autor se refere é Enseada de Brito. O Autor remonta aos primórdios da nossa história, aos índios que precederam os “descobridores”, antes dos “500 anos”. Apresenta a seguir a chegada dos portugueses, comandados por Domingos de Brito Peixoto em 1653, e o decreto real erigindo a freguesia de Nossa Senhora do Rosário em 1750. Seguem outras cenas do “Auto”, retratando a vida desse povoado litorâneo até nossos dias.

Auto do Rosário

A história da evangelização açoriana e seus 250 anos numa comunidade catarinense

Rogério Luís de Souza
Doutorando em História pela UFSC





PERSONAGENS

da DEDICATÓRIA

Espectro

do PRÓLOGO NO CÉU

Gabriel

História

Nossa Senhora do Rosário

do PRÓLOGO NO TEATRO

História

Tempo

da TRAGÉDIA

1. No Paraíso

Índios

História

Tempo

Cacique

Aiurê

Domingos de Brito

Vicentistas

Francisco

Menino Índio

Verônica

Capelão

Espírito

2. No Palácio Real

História

Tempo

Mestre de Cerimônias

Dom João V

Rainha

Cortejo

Arauto

Coro

Cantoria do Divino

3. Na Feira

Coronel Bernardino



Capataz

Negro Amaro

Soldados

Açoitador

Padre Bento

Vendedor

Escravos

4. Na praça

Arauto

Oficial

Lavrador

Marcelino José

Soldados

5. Em casa da Benzedeira

Dona Bilica

Dona Edite

6. Na Feira. Versos de Ratoeira

Joaquim

Joana

Pedro

Coro

7. O dia dos mortos

Todos os personagens

História

Tempo

Padre Bento

Dona Bilica

Dona Edite

Gabriel

Nossa Senhora do Rosário

Negro Amaro

Aiurê

Marcelino José

do EPÍLOGO

Espectro



DEDICATÓRIA

Inicia-se com o fundo musical

ESPECTRO

Noite esplendorosa,
Cheia de segredos e mistérios,
Tu fazes dormir os inocentes
E inebrias os tolos com a alquimia dos infernos.

Contigo, ó Noite, vêm lembranças distantes
Corpos sem rostos, sombras inebriantes.
Não consigo agarrar o que me chega à memória.
Só pedaços, partes, silêncios irreverentes,
Pequenos sinais de um passado ausente.

A platéia bem disposta espera
Para ver o inusitado...a guerra,
Vivida por corajosos personagens
Que se lançarão à tragédia.

O que espera a multidão?
Fatos já narrados,
Ou a minha explicação
Sobre o mundo do passado?

Ó noite, reveste o teu servo
Com o manto protetor.
Anima estas consciências
E pede ao Tempo: "Traz de volta
Tudo o que se ocultou".

A voz que se ouvirá será penosa,
Dolorida, assombrosa.
Ela irá ecoar um clamor apavorante
E convidará os luzeiros da noite
Para revelarem o genocídio, doravante.

Parece que a noite se transforma.
Os ventos mudam de direção.
O que está por vir?
O Sentimento, a Loucura ou a Razão?



Consegues sentir, platéia amorfa?
Estás no mesmo espaço, porém, num tempo diferente.
"A realidade atual se torna mais distante
E o passado renasce, ardente, impressionante."

Sai.

PRÓLOGO NO CÉU

Entram Gabriel e História

GABRIEL

Lá embaixo, o Espectro envolve a platéia.
Denuncia fatos e acontecimentos.
Sobre sua cabeça pairam dúvidas, incertezas, medos.
O que tu, ó História, me dizes sobre esse silêncio?

HISTÓRIA

Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se sucederam naqueles dias, a mim parece certo, após acurada investigação sobre os textos históricos, que os esforços da coroa lusitana e seus esmerados funcionários de condição militar e sacerdotal foram os responsáveis pela edificação da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito.

GABRIEL

Todavia, os documentos que ficaram
Enaltecem conquistadores e silenciam conquistados.
Como revelar, então, o que foi excluído, ocultado?

*Entra Nossa Sra. do Rosário.
Agarram-se ao seu manto e beijam-no.*

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Quanta dor e sofrimento!
Por que o saber histórico insiste tanto em reverenciar autoridades
E deixar à margem os outros, filhos meus,
Que também construíram e edificaram esta Freguesia, meu Deus?
E o que dizer, então, daqueles, os mais queridos,



Que foram mortos, expulsos
E, como escravos, foram vendidos?
Vai, História! Traze-mea resposta.

(História sai.)

E tu, Gabriel, anuncia à platéia esta minha vontade esperançosa.
(N. Sra. do Rosário sai.)

GABRIEL

(coloca-se a frente do palco)

Ó mãe querida,
Cumpro a tua vontade,
Tua vontade soberana.

Outrora, anunciei o teu Filho!
Hoje anuncio, aos teus,
Aqueles que foram esquecidos.

Contempla, ó multidão,
Dos homens o histórico desatino.
Entristece-te, cheia de temor.
A História partiu dos céus
À procura do que se ocultou.
Mas, não temas.
Encontraste graça, junto à Mãe de Nosso Senhor.

Vê o que te espera.
Vislumbraste a eternidade por alguns momentos.
Volta-te agora para o mundo do tempo.

Eis teu passado
Sem lógica, esfacelado.
As dores da barbárie
E tantas quantas crueldades!

Porém, sê forte.
Teu passado não é sem glória.
Tua cultura persiste,
É resistente.
Constrói tua vitória.

Completam-se 250 anos.
O tempo fugiu, correu.



Mas esforça-te, vamos, relembra!
E ao passado... voltemos.

Sai Gabriel.

PRÓLOGO NO TEATRO

Entram os índios e Tempo.

HISTÓRIA

(escrevendo e caminhando entre os personagens paralisados, assusta-se com a presença do Tempo)

Quem és tu, criança?

TEMPO

Não sabes quem sou, História?

HISTÓRIA

Por que haveria eu de saber? Tenho tanto para recordar, escrever e lembrar.

TEMPO

Sou teu filho, o Tempo.

HISTÓRIA

Que fazes aqui entre os humanos?

TEMPO

Estou aqui para te mostrar os acontecimentos que esqueceste de narrar.

HISTÓRIA

Como? Não basta, simplesmente, dizer que a póvoa do Rosário e de Brito foi elevada à categoria de freguesia em 13 de maio de 1750?

TEMPO

Por acaso, acreditas que outros aqui não havia, e que o aparecimento desta póvoa deu-se de maneira tranqüila e pacífica?

HISTÓRIA

Então, não partiu o Império Português, aventurando-se por mares bravios, com casais vicentistas e açorianos, para povoar esta terra encantada... desabitada?



TEMPO

De onde vem esta razão que diz ser despovoada a litorânea região?
Não foi Brito, o fundador de Laguna, que veio em 1653 com sua
guarnição, e com a água benta do Capelão, batizar e capturar os índios,
primeiros habitantes e donos deste lugar?
Que fizeram deles no dia da Ocupação?
Eis, a história, a dor e a paixão.

A TRAGÉDIA

1. NO PARAÍSO

Índios trabalham e brincam.

CACIQUE

Minha terra, meu lar,
Florestas e cachoeiras,
Um paraíso para amar.

Bananeiras, goiabeiras,
Peixes, berbigão, frutos do mar.
Meu povo contente,
Nada para reclamar.

*Tocam-se tambores. Todos dançam em
volta da fogueira.*

AIURÊ

O que vem lá?

Param os tambores.

CACIQUE

Que dizes, Aiurê?

AIURÊ

O que vem lá?

Olham para o horizonte.

CACIQUE

São os homens brancos, das águas do norte,
Vindo para cá.



AIURÊ

Que querem eles de nós?

CACIQUE

A terra de nossos netos, terra de nossos avós.

*Todos param. Em procissão avançam
os vicentistas, formando uma
embarcação. Uma grande cruz
representa o mastro central e cada
bandeirante vicentista traz uma cruz
que servirá de remo e espada.*

DOMINGOS DE BRITO PEIXOTO

(em pé, no centro da embarcação)

Tomemos esta terra para consolidar nosso empreendimento. A gente
que aqui se juntará saberá respeitar as leis da coroa lusitana e cumprirá
as obrigações tributárias.

Um povo dócil, disciplinado, trabalhador e produtivo é que precisamos.
Não de indecentes e promíscuos selvagens, que nada fazem e que,
ademais, dificultam a expansão do grande Império Português.

Avante, vicentistas, o paraíso nos pertence!!!

*A embarcação se move.
Canto próprio.*

DOMINGOS DE BRITO PEIXOTO

Enfim, chegamos à enseada das águas tranqüilas,
No ano de 1653, ano de nosso Senhor.

Muito temos que fazer:

Construir nossa fortificação

E levar aos ímpios a salvação.

Por hora, conquistemos a terra.

Francisco, meu filho, conduz a tropa à guerra.

*Os vicentistas avançam em direção
aos índios, conduzidos pela grande
cruz.*

CACIQUE

Que queres, homem branco?

FRANCISCO

Tornar-vos cristãos... santos,



Ordenança do bandeirante Capitão,
Domingos de Brito Peixoto.

CACIQUE

E depois... irás embora?

FRANCISCO

Queremos ficar, desenvolver a região, agora.

AIURÊ

(interrompe o diálogo)

Porventura, tantos homens e mulheres, crianças e velhos,
Terão todos o direito de usufruir destas riquezas?
Pois sabe, filho de Adão, o paraíso virará um inferno.

FRANCISCO

Quem és tu, fêmea selvagem?
Tuas palavras me encham de cólera.
Minha espada vibrará em tuas entranhas
E teu sangue se espalhará
Por esta enseada afora.

Agarraí esta índia,
Homens de São Paulo,
Bandeirantes vicentistas.

Vicentistas agarram Aiurê.

AIURÊ

Soltai-me, soltai-me, sou filha desta terra.
Soltai-me, soltai-me, sou filha desta terra.

FRANCISCO

Reconhece, fêmea selvagem,
A força da coroa lusitana.
Eis, a espada da boa morte,
A que te conduzirá aos infernos, índia pagã!
(com a espada, golpeia Aiurê)

MENINO ÍNDIO

(corre para junto de Aiurê)

Aiurê, Aiurê, quantas lágrimas vou derramar!
Não é justo, minha irmã, homem branco te matar.



VERÔNICA

(canta)

*O vos omnes, qui transitis
Per viam, attendite, attendite
Et videte
Si est dolor, dolor,
Similis sicutdolor meus*

*Ierusalem, Ierusalem
Convertere ad Dominum Deum tuum.*

FRANCISCO

Tirai o menino e aprisionai-o.
Depois, junto com os outros,
O levaremos para São Paulo
Para ser vendido como escravo.

MENINO ÍNDIO

Não, não.
Aiurê, Aiurê!!!

Saem com o menino

AIURÊ

Serei eu, um dia, ó História,
Tu que me olhas escandalizada,
A heroína desta história?

Morre Aiurê.

CACIQUE

Chorai por Aiurê
Defendei vossas vidas.
Os vicentistas trazem armas.
Mas, lutai! Lutai!
Lutai nesta hora dolorida.

*Fundo musical. Acontece o confronto
entre os grupos. Após a derrota dos
índios, a grande cruz é plantada e os
índiossobreviventes são obrigados a
se ajoelhar.*

CAPELÃO *(com água, batiza à força os índios sobreviventes)*
Que esta água vos salve!



Que o Batismo vos salve!
Que esta água vos salve!
Que o Batismo vos salve!

Todos param.

TEMPO

Onde está a voz profética dos que denunciaram,
Naquele tempo, as injustiças praticadas pela ocupação?
Fala, Espírito, e dá-nos testemunho da tua aflição.

ESPÍRITO

*(não aparece para a platéia. Apenas,
escuta-se sua voz)*

Afirmo ter visto com meus próprios olhos que os conquistadores
entravam nas aldeias não poupando nem crianças e homens velhos, nem
mulheres grávidas e parturientes, e lhes abriam o ventre e as faziam em
pedaços. Outra coisa não faziam senão despedaçar, matar, afligir,
atormentar e destruir esse povo.

Avançaram cometendo grandes e horríveis crueldades, matando,
incendiando, queimando, torrando índios e lançando-os aos cães. A quem
tivesse dois filhos, pediam um, e a quem tivesse três, tomavam dois,
com gritos e prantos. Eram carnicheiros insensíveis, iníquos e cruéis,
que tinham como única profissão a de derramar sangue humano.

TEMPO

As dores da aflição
Escuta, ó História!
Vê, ó Multidão!

O paraíso em fausto
Muda-se em noite terrível.
Tudo em torno é holocausto
Eis, o fato indiscutível
*Fundo musical. Os índios são
conduzidos como escravos.
Todos saem. Permanece História.*

2. NO PALÁCIO REAL

HISTÓRIA

Dos índios o que ficou?



A fuga e a humilhação
Para os recantos do interior.
Sem nada, sem pátria, com que sonharão?

Todavia, de número reduzido,
Os paisanos paulistas
Que vieram com Domingos de Brito,
Por alguns, considerados pacifistas,
Conquistaram a encantada,
A tranqüila Enseada.

Cem anos se passaram
Desde aquela ocupação.
Agora, El-rei tem outro temor:
Da Espanha impedir a invasão.

As póvoas existentes
Na ilha e no continente,
Povoou com famílias dispostas,
Vindas da Terceira, do Faial, da Graciosa.

Assim, os primeiros açorianos
Desembarcados na ilha do Desterro,
Chegaram em Enseada do Rosário
Para viver com os paisanos,
Em 1748,
No mês de janeiro.

MESTRE DE CERIMÔNIAS

*(entra, tocando solenemente o
tambor)*

Reverenciai vós todos!
Sua majestade
Dom João V,
El-rei de Portugal.

Toca o tambor e pára.

DOM JOÃO V

(entra com a Rainha e o Cortejo)

Pouca gente no Brasil Meridional!
Precisamos povoá-lo para defendê-lo.
Os açorianos carentes desejam emigrar.



Está aí a solução, é só remetê-los.

Terra lhes daremos desde já.
Esperemos que se integrem aos paisanos
E logo, as freguesias, El-rei mandará criar.
Apressai, funcionários, estes meus desejos:

Tereis que cruzar o oceano, o imenso mar.
Mas, vos adianto meu conselho:
A póvoa de Brito e do Rosário,
Em Freguesia deve-se tornar.

Chamai-me o arauto!

(O arauto chega às pressas)

ARAUTO

Estou aqui, Majestade!

DOM JOÃO V

Eis a carta que lerás!
Que minha vontade se cumpra
E que a Senhora do Rosário abençoe
A póvoa daquele lugar.

ARAUTO

Chegai todos e ouvi
A Carta Régia de Sua Majestade,
D. João V, Rei de Portugal.

Por ordem real, el-rei decidiu elevar à categoria de Freguesia a póvoa de Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito, como, por igual dispor, conceder a elevação de sua Igreja à condição de Paróquia e constituir-lhe uma guarda militar, subordinada ao Exército de Segunda linha da Ilha de Santa Catarina.

Que esta ordenança seja cumprida e torne-se desde já a póvoa de Brito, com as bênçãos da Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo, Freguesia.

Palácio Real, 13 de maio de 1750, ano de Nosso Senhor Jesus Cristo.

El-rei de Portugal, Dom João V.



CORO

Viva, El-rei de Portugal!
Viva, a Senhora do Rosário!
Viva, o Divino Espírito Santo!

*Entram a bandeira e a cantoria do
Divino para levar o império.*

CANTORIA DO DIVINO

Estou em teu palácio,
Com a bandeira do Paráclito!
Manda abrir a tua porta,
Pelo teu nobre criado.

Neste dia de alegria
Comemora com euforia
A data mais querida,
A fundação da Freguesia.

Que não falte o nosso pão
Que do céu não falte a bênção
Oh! Senhora do Rosário
Traze a paz e a salvação.

Os teus filhos, teus devotos
Acreditam na Bandeira!
Realiza tuas vontades,
E as promessas aconteçam.

TEMPO

(entra)

Documentos e decretos reais,
Topônimos, palácios e autoridades
É com isso que vos importais?
Com vulgaridades e datas legais?

A cultura, o mar, a resistência, o cotidiano,
Dádivas de um povoado em construção.
No substrato cultural aparecem o índio, o negro, o açoriano,
Gente forte, como os de outra nação.
A história desse povo não se fez por ordenanças,
Muito menos, pela data da régia fundação.

HISTÓRIA

Então, por que só alguns fatos e algumas pessoas entram para a história?

TEMPO

Perguntai aos conquistadores, à realeza poderosa.
Se não vos reponder,
Vede, quem realizou a trajetória desta póvoa.

3. NA FEIRA

Fundo Musical.
Entram os personagens

CORONEL BERNARDINO

O café tem que estar no ancoradouro antes que cheguem as chuvas. Já negociei, a preço bom, com os paulistas e os ingleses. Aluga mais três carros de boi e alguns escravos, caso os meus não sejam suficientes, e começa a fazer o transporte do nosso café, do nosso ouro preto.

CAPATAZ

Sim, Senhor Coronel Bernardino. Mas, comunico-vos:teremos problemas. Negro Amaro, o fujão, anda colocando minhocas na cabeça da escravaria. Estão exigindo mais comida, mais horas de sono e até exigindo mais Missas. O que devo fazer?

CORONEL BERNARDINO

Traze-me o fujão aqui!

Entra Negro Amaro acorrentado.

CORONEL BERNARDINO

Então, és tu o arruaceiro, o que não consegue esconder-se do capitão-do-mato. Pois bem, o açoite no lombo te servirá de conselheiro.

Levai-o para o tronco!

No tronco

NEGRO AMARO

Por que tu te escondes, Deus meu, nesta hora do flagelo?
Por que não me vens trazer a libertação?
Por que me abandonas e me deixas sozinho?

Também, sou teu filho!
Dá-me a tua salvação!

Negro Amaro é açoitado até a morte.

CAPATAZ

Senhor Coronel Bernardino, o açoitador não mediu a força da mão. O negro estertora e jorra sangue pela boca. Restam-lhe, somente agora, sete palmos abaixo da terra.

CORONEL BERNARDINO

Eu estou inocente desse sangue.
Eu não sou o culpado.
E, além disso, o açoitador terá que pagar o prejuízo
Que acabei tendo com a morte do escravo.

Negro Amaro é levado. Chega o visitador Pe. Bento de Toledo.

PADRE BENTO

Caríssimo, Senhor Coronel Bernardino,
Santo e devoto do Espírito Divino,
Que Deus esteja contigo.

CORONEL BERNARDINO

A bênção, Pe. Bento.

PADRE BENTO

Deus te abençoe, meu filho.

CORONEL BERNARDINO

Que desejas deste teu filho?

PADRE BENTO

Preciso comprar alguns escravos para adiantar a restauração da Igreja. Como sabes, ela é a mais pobre que há nesta comarca, não tem paramentos e a mesma Igreja cá está se indo abaixo. O salário que recebo do Rei pouco dá para me manter. Por isso, conto com a tua ajuda e com a tua devoção.

CORONEL BERNARDINO

Mas, é claro, Padre Bento! Estamos aqui na Enseada do Rosário graças ao Santíssimo, que fez morada em nossa Igreja.
Vamos comprá-los agora mesmo.



VENDEDOR

Vós desejais bons e fortes escravos?
Eis aqui o que há de melhor nesta Enseada do Rosário.

PADRE BENTO

Queremos dois negros para a restauração da Igreja e uma negra que servirá de cozinheira e de lavadeira. Quanto me custará?

VENDEDOR

Para Vossa Reverendíssima, Senhor Padre Bento de Toledo, não pouco mais que dois contos de réis.

PADRE BENTO

Então, Coronel Bernardino, irmão de Nosso Senhor, será a preço justo?
Os negros parecem deveras fortes e a negra uma menina ainda é.

CORONEL BERNARDINO

Deixa minha conta aumentar, vendedor.
Os escravos, Padre Bento, já são vossos.

PADRE BENTO

Que Deus te cumule de bênçãos, meu filho,
E que a restauração comece logo.

Escravos restauram a Igreja e cantam.

1º CORO DE ESCRAVOS

Vida de negro é difícil
É difícil de viver.

2º CORO DE ESCRAVOS

Queremos a liberdade
Um motivo pra viver.

1º CORO DE ESCRAVOS

Vida de negro é difícil
É difícil de viver.

2º CORO DE ESCRAVOS

Queremos a liberdade
Um motivo pra viver.

1º CORO DE ESCRAVOS

A liberdade!



2º CORO DE ESCRAVOS

Pra viver.

4. NA PRAÇA

O Mestre de Cerimônias entra solenementetocandootambor

ARAUTO

(anuncia a ordem do Governador da Capitania de Santa Catarina)

Famílias desta rica Freguesia!
Devido aos significativos custos com o Exército,
O Senhor Governador da Capitania
Vem, por meio deste decreto,
Exigir mais alqueires de farinha.

LAVRADOR

As taxações são elevadas, Marcelino,
De onde tirar mais farinha?

MARCELINO

Os que vivem de renda
Gozam de uma vida mansa.
São proprietários das grandes fazendas,
Não lavram, não pescam,
Nasceram com herança.

ARAUTO

Eis a ordem do Governador.
Cumpra-se o decreto
Do fiel servo de nosso Imperador.

MARCELINO

Os ventos da República já chegam por aqui, trazendo as novidades da democracia idealizada por Anita, Caneca e Xavier. O Vigário, Padre Vicente Cordeiro, fala em voz alta, lá de cima do altar, que um dia teremos liberdade e igualdade, e que nós precisamos acreditar.

LAVRADOR

Falando em Padre Cordeiro, faz tempo que não o vejo.

MARCELINO

Dizem que foi para Laguna, fazer parte de um conselho republicano.
Pelo que conheço, animará as almas e Presidente, talvez, se tornará.
Chegam os soldados

OFICIAL

És tu, Marcelino José?
Pescador destas águas e além-mar?

MARCELINO

Sou eu mesmo, Senhor Oficial.

OFICIAL

Coloquem os ferros
Neste pescador,
Desordeiro do Reino,
Mais um traidor.

MARCELINO

Senhor Oficial, tenho mulher e filhos!
Que será deles, os mais queridos?

OFICIAL

Sem ti..., o trabalho dobrará
E continuarão vivendo pobres,
Sonhando com o dia que não virá.

Os soldados saem com Marcelino.

5. EM CASA DA BENZEDEIRA

DONA BILICA

*(caminha em direção à casa de D.
Edite)*

Ai, ai, minha perna.
Onde está Dona Edite?
Ai, ai, zipra febril.
Onde está Dona Edite?

DONA EDITE

Estou aqui, Dona Bilica.

É só entrar.

DONA BILICA

Com licença, Senhora Dona Edite.

DONA EDITE

Vai entrando, Bilica.
Deixa-me ver esta perna
Pra fazer a benzedura certa.

(olha a perna de Dona Bilica.)

Estende a perna, minha filha
E reza pra Virgem Maria.

(faz a benzedura)

“Pedro Paulo foi a Roma
Encontrou com Jesus Cristo
Jesus Cristo perguntou:
Que há por lá, Pedro Paulo?
Senhor, muita zipra, muita zipela,
Muita gente morre dela!
Volta lá, Pedro Paulo,
Com que se cura a zipra, senhor?
Com óleo de oliveira, e lã da carneira virgem!
Isso tudo se cura um dia
Com o nome de Deus e da Virgem Maria.”

DONA BILICA

Muito agradecida, Senhora Dona Edite.

DONA EDITE

Benzedura não se agradece, minha filha, senão perde a virtude!

DONA BILICA

Ai, ai, ai! Como posso ser assim tão esquecida!

DONA EDITE

Mas, o mal feito, minha santa, pode ser remendado.

DONA BILICA

Graças ao nosso bom Deus!
Amanhã, então, voltarei.
De qualquer modo, Dona Edite, aproveitando, também, a visitinha, a
Senhora soube da filha da Margarida, a Dalva?



DONA EDITE

Não, Dona Bilica.

DONA BILICA

Escutei na farinhada, ontem à noite.

DONA EDITE

Pois, fala, minha santa.

DONA BILICA

Enquanto jogávamos capote, Dona Orlanda contou uma estória que assustou toda a gente. Diz ela que é verdade. Eu acredito, porque a filha da Margarida, a menina Dalva, que tinha aquela cabeleira negra e longa, perdeu todo aquele lindo cabelo.

DONA EDITE

Mas, então... houve embruxamento!

DONA BILICA

Pois não é, Dona Edite? Dona Orlanda disse que na madrugada de Sexta-feira santa, Dalva, aos berros, acordou todo o canto da Enseada. Os cabelos dela estavam crivados de unhas grandes, massarocando toda a longa cabeleira. Só cortando os cabelos foi possível retirar aquelas unhas. Simplesmente unhas sem dedos. Foi embruxamento! Ficamos todas com medo. Após o "serão no engenho", fomos para casa. A noite estava quente, agravando a minha zipela. Ao chegar em casa, ajoelhei-me diante da Nossa Senhora do Rosário e rezei pela menina Dalva.

DONA EDITE

É minha filha... Dalva deve ter varado as noites da quaresma. Mas, não tem problema, contra mau olhado e embruxamento há muitos recursos e remédios.

DONA BILICA

Graças ao nosso bom Deus!

DONA EDITE

Vamos tomar um aparádinho, Dona Bilica?

DONA BILICA

Sim, sim, sim, sim! Além do mais, Dona Edite, tenho cada coisa para contar pra Senhora que é de arrepiar os cabelos!



DONA EDITE

E eu não sei, minha santa!
Vamos lá pra cozinha, fazer nosso café.
E, é claro, colocar em dia
Tudo que se passa nesta freguesia.
Saem

6. NA FEIRA. VERSOS DE RATOEIRA

JOAQUIM

Já vendemos quase todo o escalado. O que sobrou deve servir de conduto com a farinha.

PEDRO

Que bom! Temos fartura! Vamos oferecer um pouco aos foliões da bandeira e arrematar uns pãezinhos do Divino, Joaquim.

JOAQUIM

Então, vamos logo, Pedro, já é quase meio-dia, hora do jantar.

*Pedro e Joaquim observam Joana
passar.*

PEDRO

Joana é bela desde o berço...
Não é Joaquim?

JOAQUIM

É verdade, Pedro. Faz acelerar o coração de qualquer mancebo desta Freguesia.

PEDRO

Não posso esperar pela ratoeira de Domingo. Tenho que declarar meu amor por Joaninha.

JOAQUIM

Seja paciente, meu amigo. Hoje é Sexta, dia de feira, e não de ratoeira.

PEDRO

Joana está vindo,
Que a roda seja feita.

(Cantando o verso)

A folha de bananeira



Tem direito e tem avesso
Eu te conheço Joaninha
Desde pequena no berço

TODOS

Meu galho de malva,
Meu manjerição
Dá três pancadinhas
No meu coração

JOANA (*cantando o verso*)

A laranja era verde
Com o tempo amadurou
Meu coração era firme
Veio o teu, me cativou

TODOS

Meu galho de malva,
Meu manjerição
Dá três pancadinhas
No meu coração

PEDROEJOANA

(*cantando o verso*)

Meu amor, meu amorzinho
Beijo de café maduro
Pode rir, pode brincar
Que o nosso amor está seguro

Saem de braços dados.

TODOS

Meu galho de malva,
Meu manjerição
Dá três pancadinhas
No meu coração

Todos saem.

7. O DIA DOS MORTOS

*Entram os personagens em procissão
com as velas acesas e os três túmulos.*



TODOS

(*cantam*)

Senhora do Rosário, viemos vos louvar,
Render-vos muitas graças, favores suplicar.
Rogai por nós, rogai por nós!
Rogai por nós a Jesus!

PADRE BENTO

Mãe de Deus, rogai a Deus por nós.

TODOS

Mãe de Deus, rogai a Deus por nós.

PADRE BENTO

Senhora do Rosário

TODOS

Intercedei por nós.

PADRE BENTO

Senhora do Rosário

TODOS

Intercedei por nós.

Continuam a procissão e posicionam-se em volta dos túmulos.

TEMPO

Amanhã é finados,
Dia de reverenciar os mortos.
Ofertar flores, acender velas,
Rezar pelas almas, pelos devotos.

Na noite da véspera de finados
Não se pode ir para a rua olhar.
A procissão das almas está passando!
Não olhes!
Se olhares, convidado serás
No próximo ano para participar.

Ah, não te esqueças:
Passar com os pés



Em cima da sepultura
Dá azar.

PADRRE BENTO

Que voz é esta, que vem do além?

DONA BILICA

Ai, ai, Padre Bento, o que será?

PADRE BENTO

São só os anjos, cantando para Jesus de Belém.

DONA EDITE

(aponta para Gabriel)

Olhai todos! Um anjo é que vem lá.

Assustam-se

GABRIEL

Não vos assusteis, sou Gabriel.
Vim anunciar-vos
A alegriada terra e do céus,
A intercessora do Rosário,
A Virgem Mãe fiel.

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

(Entra. Todos se ajoelham)

Meus filhos, meus amados,
Quanto amor nestes olhares,
Sei de todos os infortúnios,
Dos sofrimentos do Rosário.

Sou Senhora desta Freguesia
Compadeco-me desta póvoa.
Mãe dos pequenos e dos esquecidos
Sou a Virgem, a Mãe Dolorosa.

Aproxima-te, ó História,
Revela o que testemunhaste
E traze-me a tua resposta.

HISTÓRIA

Ó querida mãe,



Da eternidade saí para a aventura
Do tempo das estações.
Ela me encheu os olhos
De sorrisos e desolações.

Conheci muitos segredos,
Escutei tudo atentamente,
Sem querer perder um detalhe
De todos os acontecimentos.

Falta-me, ainda, a denúncia,
Minha Mãe e Senhora,
Dos que a história deu por mortos

(aponta para Tempo)

Chama-me, ó tempo, as testemunhas de outrora.

TEMPO

Vento doido, inesperado e vagabundo,
Que sozinho vagas por este mundo,
Retira dos túmulos todos os mistérios
E reanima estes esquecidos defuntos.

*Tempo reanima o corpo do Negro
Amaro*

HISTÓRIA

Quem és tu, podridão esquecida?

NEGRO AMARO

Sou Negro Amaro, filho da África, de nome trocado, da raça negra,
negado por ti, História, e por muitos esquecido.

HISTÓRIA

Que queres de mim, Negro Amaro?

NEGRO AMARO

Quero mostrar-te a dor de quem construiu esta freguesia e foi aviltado,
oprimido e excluído dos anais da tua história.
Nos teus livros estão nomes de reis, imperadores, brigadeiros e bispos.
Mas, quem ergueu tudo isso? O que fizeste da minha história? Para
onde foram os meus descendentes na noite em que esta freguesia ficou
pronta e Isabel, em 13 de maio, concedeu a abolição? Ou será que,
aqueles que tu ensinas, não sabem ainda que aqui eu estive e estou e fui



o construtor de suas casas e de sua Igreja?
Condenaste-me, ó História, ao desaparecimento, para privilegiar os poderosos!

HISTÓRIA

Acaso, sou eu a culpada?

Tempo reanima o corpo de Aiurê

HISTÓRIA

Quem és tu, agora, podridão esquecida?

AIURÊ

Sou Aiurê, filha desta terra, das tribos que aqui, pescando e plantando, viviam, negada por ti, História, e por muitos esquecida.

HISTÓRIA

Que queres de mim, Aiurê?

AIURÊ

Quero que registres o assassinio do meu povo, o estupro do meu corpo e a expulsão dos meus filhos desta enseada, rica em alimentos, para as encostas e as escarpas do Maceambu.

Quero que todos saibam que perdi o direito às minhas terras e o direito à sobrevivência e à legítima defesa.

A morte do meu povo, que presencio todos os dias, é a morte de quem não tem comida, e quem não come o suficiente morre lentamente. Porém, o mais doloroso é que, durante os anos todos em que se morre de fome, não nos dão o direito de defender a própria vida.

HISTÓRIA

Porventura, sou eu a culpada?

Tempo reanima o corpo de Marcelino José

HISTÓRIA

Quem és tu, podridão esquecida?

MARCELINO JOSÉ

Sou Marcelino José, filho do arquipélago dos Açores, trazido para cá com mulher e filhos, sem ferramentas e nenhuma assistência, servindo aos interesses da coroa lusitana, negado por ti, História, e por muitos esquecido.



HISTÓRIA

Que queres de mim, Marcelino?

MARCELINO JOSÉ

Não muito, só a graça de não mais ser explorado.

Meu dorso encurvado não agüenta mais o peso da rede puxada; as minhas juntas não articulam sem a presença daquela insuportável e constante dor.

Querem preservar e aplaudir o espetáculo da minha cultura, mas não querem resolver o cotidiano desastroso e empobrecido, operado por aqueles que se beneficiaram do meu suor. Parece que só existo para comemorações e festas folclóricas. Mas sei o quanto fui usado ao longo da história, e o quanto sou marginalizado. Apesar disso, insistes, ó História, em descrever os feitos daqueles que me oprimiram, transformando-os em heróis deste território conhecido.

HISTÓRIA

Sim, sim, sou eu, também, a culpada.

(coloca-se a frente do palco)

O que fiz eu com a história dos humanos?

Quanto tenho que aprender e conhecer com estes que não são lembrados!

Ó Tempo, revela-me teu passado com todos os teus mistérios, para que eu não mais esqueça os verdadeiros heróis desta terra querida.

Ensina-me a reescrever esta história, para que as crianças e os homens e as mulheres de hoje entendam que a transformação da realidade vivida depende da consciência que se deve ter do próprio passado.

(ajoelha-se diante de N. Sra. do Rosário)

Ó querida mãe,

Se a história é regada de sonhos,

Muitas vezes, é inundada por pesadelos desoladores.

Agora eu sei o quanto omiti e silencieei,

Meus olhos se abriram para tantos e muitos dissabores.

Vê o caminho a que me lancei!

Reviver o passado foi uma necessidade atroz,

Que me impuseste e aceitei.

A resposta te trouxe, minha Senhora,

Não é tudo, não é lei.

(levanta-se)



NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Meus filhinhos,
Pouco vos disse
E muito escutei.

Dou-vos sem restrições meu amor maternal.
Podeis em meu coração entrar.
Não vos julgo; vos acolho.
Que todos vivais felizes neste lugar.

As riquezas dividi.
Os diferentes respeitai.
Sois todos meus filhos,
Sois todos iguais.

A Trindade eterna exulta.
O coro dos anjos canta.
Em pensamentos duradouros
Querem que esta freguesia seja santa.

Deixo-vos nesta hora!
Festejai, meus filhinhos,
Que o Rosário vos proteja,
E a alegria tanta seja.

EPÍLOGO

ESPECTRO

O prateado astro ilumina a praça sombria
As árvores escondem antigos amores
E os transeuntes nem percebem a orgia
Daqueles ávidos e instintivos ardores

As brancas casas, construídas ao redor da praça
Com soleiras desenhadas em cores diversas,
Apresentam a surrealidade do pintor
Que divagava na desilusão do perdido amor.

Na Igreja, os fiéis rezam
E cantam para a Senhora do Rosário.



É uma misteriosa sensação provincial
De conversas, de noites em festa,
De cantorias, de missas
E do olhar da moça querida,
Fonte de inspiração de todos os dias.

Quando por aqui passares,
Não te esqueças de parar.
Sem que te dês conta,
Parando, por aqui ficarás.

Poderás o passado sentir
E sorrir, com os casos
Que ainda se fazem ouvir.

A história é rica
Fantástica, impressionante.
O mar que a beija
Insinua o romance.

Quanta mudança o tempo traz
Neste ardiloso e irresistível passar dos dias.

Mas, lá embaixo,
De boca estreita,
Sempre aberta,
Engolindo as águas do oceano,
A esnobe Enseada mostra-se toda garbosa,
Enfeitiçando o olhar
Daqueles que um dia
Por aqui irão passar.

Enseada de Brito, 6 de julho de 2000

Endereço do Autor:

Rua Arthur Mariano, 1108
88106-500 São José - SC